

nos acaba dedar huma evidente prova, querendo que se estabelecção pensois convenientes a dois Engenheiros typographicos (*sic*), a dois Engenheiros hydraulicos, ahum Contador, ahum Medico e ahum Cerurgião, afim deq. seposão formar com facilidade. os Mapas gerais e particulares; segurar efixar os limites das Sesmarias, conduzir agoas, e estabelecer Canais, e maquinas de beneficio, e aumto. da cultura, e finalmente evitar os funestos acontecimentos que setem experimentado com falta dequem lhes administre eaplique com acerto os medicamentos necessarios nas suas enfermidades. Avista doque, não cabendo na debilidade das nosas forças outro signal de reconhecimento, egratidão mais doque louvar, edar imensas graças ao Supremo Deus, que nos deparou huma Soberna Rainha Nossa Senhora, que possui todas as virtudes no auge da perfeição, erdadas de Seus Augustus Predecessores, que gozão da Bemaventurança Eterna; nos prostramos aos Ilustres pez de va. Exa. pela pessoa do noso Procurador o Sargto. Mor Manuel José Gomes, aquem ordenamos que realize os nossos puros sentimentos, conformandose pelo poder, que lhe transferimos com as direcçoins de va. Exa. afim deque se execute a Real ordem de S. Mage., quetem por unico objecto afelicidade de seus vasalos”.

\*

## 7. NAS PLACAS DAS RUAS, UMA LIÇÃO DE HISTÓRIA \*

Em tempos que já vão bem longe — lá por 1934 ou 35 — uma das nossas preocupações cada vez que em nossa casa aparecia algum parente ou amigo de fora, era levá-lo ao velho viaduto sobre os trilhos da **Paulista** e dali fazê-lo descortinar um belo panorama, possível naquela época quando Campinas ainda não possuía edifícios altos a impedir a visão do horizonte. Fazíamos o nosso visitante contemplar, daquele ponto, todo o **Chapadão**, com suas ruas já traçadas, mas ainda sem calçamento, ocupando toda a suave inclinação que ia dos trilhos da **Mogiana** até o alto do espigão, onde corre atualmente a Avenida Francisco José de Camargo Andrade. Era — dizíamos orgulhosamente — o futuro bairro residencial de Campinas. “Mas, tão longe ?” era a invariável pergunta. Naquela época, de fato, o Gunanabara era praticamente o limite da cidade, na direção indicada. Além, apenas os arruamentos projetados, num bonito traçado, e apenas com uma ou outra casa de alguém com vocação para pioneiro. E quando soprava o vento, naqueles dias parece que mais violento que hoje, pois a cidade era mais aberta, era a nuvem de poeira que quase ocultava o traçado das ruas.

Um dia, dez ou doze anos depois, a Prefeitura construiu, no ponto mais alto do espigão, uma caixa d’água elevada, dessas que na nomenclatura das repartições de água se chamam “castelos d’água”, ou simplesmente “castelos”. Nessa altura, o bairro já se apresentava razoa-

(\*) Publicado com o título **Figuras da história primitiva de Campinas**, em “Notícia Bibliográfica e Histórica”, nº 91, pp. 258 a 262, Campinas, julho de 1978.

velmente povoado, o que justificou que a velha **Tração** construísse uma linha de bondes para servi-lo. E o bonde, em vez de receber o nome de **Chapadão**, nome geográfico, correto e perfeito, pelo qual o local era conhecido, foi denominado **Castelo**, pois ele ia exatamente até a praça circular que se formou em torno do castelo d'água e até onde fora prolongada a Avenida Andrade Neves que, inicialmente, morria na Avenida Barão de Itapura, nas proximidades da chácara do Talvino Egídio de Souza Aranha. Pois foi quanto bastou para que o nome **Castelo** suplantasse o nome geográfico, e por **Castelo** tomou-se conhecido todo o antigo **Chapadão**. Este nome sobrevive, hoje, apenas no Jardim Chapadão, um bairro que se formou na outra encosta do espigão, mas no qual nada há que lembre um chapadão, sequer uma chapada. O curioso é que, com o correr do tempo, numerosos outros **castelos** foram construídos em quase todos os pontos altos de Campinas. Basta que se contemple a cidade de qualquer edifício donde se tenha boa visão panorâmica. Constituem eles uma nota de nossa paisagem urbana. Provavelmente existam mais de dez. No entanto, só o primeiro, o do alto do Chapadão tornou-se conhecido por **Castelo**. A nenhum outro o povo aplica tal nome: são chamados simplesmente caixas d'água.

Mas, a parte inicial da suave encosta, que gostávamos de mostrar aos nossos amigos e visitantes de fora, recebera o nome de **Jardim Guanabara** e de suas ruas é que desejamos tratar. Todas elas foram batizadas pelo dispositivo legal de 27 de maio de 1929, por proposta do Dr. Ernesto Kuhlmann, então vereador. Interessado na história da cidade, quis o Dr. Kuhlmann fixar nas placas das ruas do novo bairro os primeiros nomes da vida pública de Campinas, em fins do século XVIII, tornando, assim, o Jardim Guanabara, pelas suas ruas, uma autêntica lição de história setecentista de Campinas.

Os nomes sugeridos pelo ilustre professor de nosso tradicional **Ginásio do Estado** e então Vereador, para as ruas do Jardim Guanabara, podem ser distribuídas em diversas categorias: A) nomes dos companheiro de Barreto Leme, signatários da petição para a criação da freguesia, em 1774. Num total de oito ( fora Barreto Leme ) são os nomes que, quase trinta anos depois, foram inscritos no monumento comemorativo da fundação de Campinas, que se ergue na Praça Guilherme de Almeida, inaugurado em 1957. Sobre eles ( e mais Barreto Leme ) escreveu demoradamente o historiador e genealogista Teodoro de Souza Campos Júnior em seu magnífico estudo sobre a fundação de Campinas, que se encontra na **Monografia histórica do Município de Campinas** ( 1952 ); B) nomes dos integrantes das duas primeiras câmaras de Campinas. A primeira eleita a

15 de dezembro de 1797 ( dia seguinte à instalação da vila ), não chegou a ser empossada em virtude da ação discricionária de Raimundo Álvares dos Santos Prado, que aqui chegou protegido pelo governador da Capitania, querendo à viva força ser nomeado **Capitão-mor** da nova vila. Esse episódio, já mencionado no capítulo anterior, teve como resultado a dissolução da Câmara e a convocação para nova eleição, que se realizou aos 26 de abril do ano seguinte. Pois todos os nomes das duas primeiras câmaras — quatro juizes, seis vereadores e dois procuradores — foram lembrados nas ruas do bairro que estamos descrevendo. C) Figuras da administração da Capitania de São Paulo que estiveram em Campinas para a instalação da vila e do competente poder municipal, em dezembro de 1797. D) Nomes de nossa primitiva vida religiosa; e E) nomes de duas respeitáveis matronas — as irmãs **Rosa e Joana de Gusmão**, casadas, respectivamente, com Barreto Leme e com seu irmão Diogo da Silva Rego. Aliás, segundo pondera Teodoro de Souza Campos Júnior, seus nomes não estão corretos: Rosa de Gusmão chamava-se Rosa Maria de Jesus e Joana de Gusmão chamava-se Joana Cardoso; parece dever-se ao genealogista Silva Leme a alteração que fixou os nomes nas formas atualmente conhecidas.

Feita esta exposição preliminar, percorramos, agora, o Jardim Guanabara e conheçamos suas ruas. Sigamos, de início, pela Avenida Brasil. Cerca de trezentos metros após o pontilhão da **Mogiana**, encontramos uma praça de formato circular, que ostenta um dos mais expressivos nomes de Campinas primitiva; **Sousa Siqueira**, um dos companheiros de Barreto Leme e também dos primeiros povoadores de Campinas. A Avenida Brasil transpõe a praça e segue até o alto do espigão. Afora o seu eixo, da Praça Sousa Siqueira partem mais quatro ruas, duas à direita e duas à esquerda, tomando como referência o eixo da Avenida Brasil. Interessam-nos as da esquerda: trazem os nomes das duas aludidas matronas: **Joana de Gusmão** e **Rosa de Gusmão**. A deste nome é bem mais extensa, seguindo paralela à Avenida Brasil até quase o alto da espigão, enquanto que a primeira é bem menor, com apenas duas quadras, terminando no local conhecido por **Bosque dos Alemães**. É por esta, entretanto, que nosso passeio se deverá desenvolver. Logo na primeira esquina, encontramos a rua **Camargo Pais**, vereador à primeira Câmara. Na esquina seguinte, o cruzamento com as ruas **Albano de Almeida Lima** ( procurador da segunda Câmara ) e **Barros Monteiro**, o ouvidor da Capitania de São Paulo, encarregado de instalar a vila em 14 de dezembro de 1797 ( Caetano Luís de Barros Monteiro era o seu nome completo ). A rua Albano de Almeida Lima, a mais extensa do bairro, funcionando como verdadeira

artéria de penetração e de referência, corta, no trecho que nos interessa, mais seis ruas: **Gonçalves César** (procurador da primeira Câmara), **Rocha Camargo** (Vereador à primeira Câmara), **Camargo Pimentel** (também vereador à primeira Câmara), **Barbosa da Cunha** (Juiz da primeira Câmara), **Frei Antônio de Pádua** (o primeiro vigário de Campinas) e **Frei Manuel da Ressurreição** (o bispo de São Paulo na época da fundação de Campinas). Esta última, das mais extensas, serve praticamente de limite ao bairro, embora algumas ruas a ultrapassem de algumas quadras.

Retornemos ao **Bosque dos Alemães**, na interseção de Joana de Gusmão, Albano de Almeida Lima e Barros Monteiro. Sigamos por esta última. Sua primeira travessa tem o nome de **Padre Joaquim Gomes**, vigário de Campinas na época da criação da vila; mais alguns metros e eis-nos numa pequena praça donde partem três ruas: **Ferreira de Almeida**, o escrivão da Ouvidoria da Capitania de São Paulo e que lavrou todos os termos relativos à criação da vila; **Barbosa de Andrade**, juiz da segunda Câmara; e **Pereira Tangerino**, um dos companheiros de Barreto Leme, rua esta que se estende até o alto, contornando o Bosque dos Alemães e terminando numa praça formada com a interseção da Frei Manuel da Ressurreição, e onde se bifurca em duas, à moda de um Y: a perna direita tem o nome de **Alferes João José** e a esquerda o de **Oliveira Cardoso**, ambos vereadores à segunda Câmara. Uma estradazinha pela rua Camargo Pais nos fará encontrar a rua **Camargo Penteado**, juiz da segunda Câmara.

O traçado irregular das ruas do Jardim Guanabara permitiu a formação, em várias esquinas, de pequenas praças, que receberam os demais nomes que estamos recordando: **Silva Leme**, **Silva Rego**, **Guedes Barreto**, **Luís de Almeida**, **Pereira Magalhães** e **Salvador de Pinho**, todos companheiros de Barreto Leme e cujos nomes (juntamente com o de Sousa Siqueira, já mencionado) podem ser incluídos entre os verdadeiros fundadores da cidade. Cumpre recordar que Silva Rego era irmão de Barreto Leme, Silva Leme filho de Silva Rego e Guedes Barreto, filho de Barreto Leme, também eleito para a primeira Câmara.

Eis que bela evocação da história primitiva de Campinas nas simples placas das ruas e praças de um bairro! Para aqueles que distinguem valor cultural na nomenclatura de ruas, nada mais significativo.

Dos nomes da história primitiva de Campinas, dois não figuram no Jardim Guanabara: o do próprio fundador, **Barreto Leme**, que já havia sido dado a uma rua da parte central da cidade, a antiga rua da Matriz Velha, hoje uma das vias públicas mais importantes da urbe campineira; e o **Morgado de Mateus**, governador (capitão-general, na linguagem da época) da Capitania de São Paulo, quando da fundação de Campinas e a quem coube assinar os atos de 27 de maio de 1774 determinando a criação da freguesia e as primeiras disposições urbanas relativas a Campinas.

O Morgado de Mateus, ao que parece, foi esquecido na proposta do Dr. Kuhlmann. Todavia muitos anos mais tarde, a falha foi sanada, atribuindo-se o seu nome a uma rua do Jardim Proença. Só que a rua, em vez de chamar-se **Morgado de Mateus**, título pelo qual ele se tornou conhecido e entrou para a história paulista, recebeu o seu nome, ou seja, D. Luís Antônio de Sousa ( forma abreviada do nome completo, que era D. Luís Antônio de Sousa Botelho e Mourão ). Seria bem acertado se a Prefeitura procedesse a uma alteração no nome, substituindo o D. Luís Antônio de Sousa por Morgado de Mateus, como aliás ocorre na cidade de São Paulo, onde a rua em sua honra ( na Vila Mariana ) chama-se simplesmente Morgado de Mateus. A lição já nos ensinou que quando o homenageado é titulado e se tenha tomado mais conhecido pelo título, este e não o nome próprio é que dever ser aplicado à via pública. Ninguém aceitaria que uma rua se chamasse Luís Alves de Lima e Silva em vez de Duque de Caxias ou José Maria da Silva Paranhos Júnior em vez de Barão do Rio Branco...

Os atos do Morgado de Mateus referentes à fundação de Campinas foram assinados a 27 de maio de 1774. O ato de denominação das ruas do Jardim Guanabara foi assinado a 27 de maio de 1929. Terá sido mera coincidência ? ou terá havido por parte do poder municipal de então a intenção deliberada de comemorar tão importante data da história da cidade ?

\*  
\*       \*  
\*